

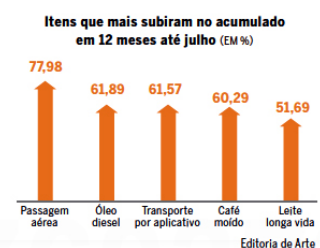
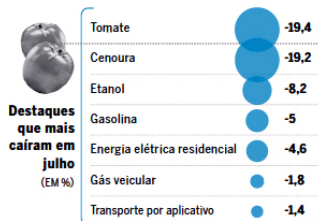
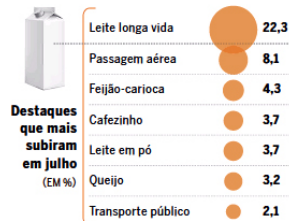
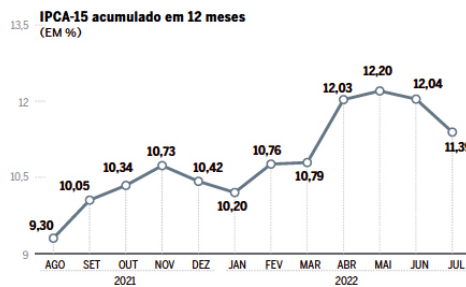
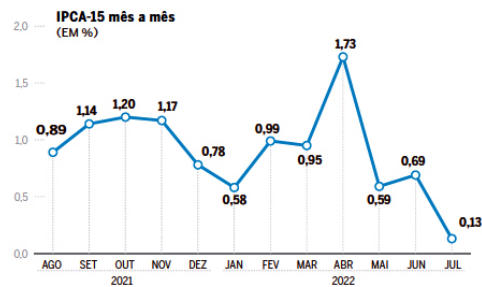
Inflação cai, mas preços dos alimentos continuam em alta

EFEITO DESIGUAL

# ALÍVIO PARA CLASSE MÉDIA

## Inflação recua com gasolina e luz mais baratas. Alimentos sobem

MOVIMENTO DOS PREÇOS



Fonte: IBGE - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15)

CAROLINA NALIN  
carolina.nalin@globo.com

Prévia da inflação oficial, medida pelo Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA-15), caiu em julho para 0,13%, com a redução nos preços dos combustíveis e da energia elétrica, conforme divulgou ontem o IBGE. Foi a menor taxa para o mês desde junho de 2020. No ano, o IPCA-15 acumula alta de 5,79% e, em 12 meses, de 11,39%. Em junho, havia ficado em 0,69%.

A melhora nos números foi desigual, segundo especialistas. A avaliação é que o IPCA-15 mostrou uma composição mais favorável com a queda dos valores de combustíveis e energia — alvo de ações específicas do governo para frear os preços — e de bens industriais, em razão da reorganização das cadeias produtivas. Apare-

lhos eletroeletrônicos ficaram 0,06% mais baratos.

Porém, a maior parte desse alívio é percebido mais diretamente pela classe média, segundo os analistas. Os preços dos alimentos continuam subindo, mantendo a inflação em patamar elevado e corroendo o orçamento das famílias de baixa renda, que gastam a maior parte dos ganhos com alimentação.

**LEITE SOBE 22,7%**

Enquanto o índice médio ficou em 0,13%, a alimentação no domicílio avançou 1,12%. Comer fora, que estava com preços mais contidos por causa da pandemia, ficou 1,27% mais caro em julho, ante 0,74% do mês anterior.

Luciano Sobral, economista-chefe da Neo Investimentos, pondera que a queda nos preços da gasolina via “canetada” alivia a inflação e o bolso da

classe média no curto prazo, mas o custo dos alimentos vai seguir pressionado. Os preços dos laticínios, por exemplo, devem continuar em alta até meados de outubro.

— Tem um alívio de preços em categorias que o pobre não consome. Você vê os preços de carro e itens eletrônicos subirem menos, mas a cara da inflação para os de mais baixa renda ainda é bem ruim, é uma parcela da população que não consome gasolina. A desaceleração da inflação vai pegar na classe média. A redução dos combustíveis é relevante, é sentida no dia a dia. Mas carro no Brasil é bem de luxo.

A gasolina teve uma redução de 5,01%, enquanto o etanol caiu 8,2%. Já a energia elétrica residencial reduziu 4,61%, puxada pela redução de ICMS nos estados, depois de aprovado projeto



“Os preços pararam em patamares altos e os que caem não chegam aos níveis pré-pandemia. No fim, saímos com poder de compra reduzido, e o salário não compra a mesma coisa”

Tatiana Nogueira, economista da XP

pelo Congresso e da ação do governo para baixar os preços dos combustíveis a poucos meses das eleições.

Tatiana Nogueira, economista da XP, também chama a atenção para desaceleração dos preços em itens que não fazem parte da cesta de consumo da população de

baixa renda, como é o caso do automóvel novo, que ficou 0,14% mais caro.

Ela cita ainda que os preços dos alimentos, sobretudo os *in natura*, podem desacelerar no curto prazo pela sazonalidade e até sofrer uma eventual redução via impacto indireto da redução do combustível usado nos caminhões para transporte de alimentos, mas isso não se traduz em grande alívio às famílias:

— A alta acumulada em combustíveis e alimentação foi tão forte desde o início da pandemia que a queda agora não repõe nem um terço de toda a alta que observamos. Os preços pararam em patamares altos e os que caem não chegam aos níveis pré-pandemia. No fim, saímos com poder de compra reduzido, e o salário não compra a mesma coisa.

Dos nove grupos pesquisados pelo IBGE, seis regis-

traram alta em julho. O maior impacto individual veio do leite longa vida, que subiu 22,3% no mês e contribuiu para o avanço de 1,16% do grupo Alimentação e bebidas. Derivados como requeijão (4,74%), manteiga (4,25%) e queijo (3,22%) também pesaram mais.

Os preços das frutas, que haviam tido queda de 2,61% em junho, subiram 4,03%. O feijão-carioca, por sua vez, subiu 4,25% e o pão francês, 1,47%.

Já o grupo Vestuário avançou 1,39% no mês, puxado pelas roupas masculinas, cujos preços subiram 1,97% em julho. No ano, o grupo acumula alta de 11,01%, bem acima da inflação geral. Os preços dos calçados e acessórios, assim como das roupas femininas, também subiram em julho: foram registradas altas de 1,57% e 1,32%, respectivamente.

**DEFLAÇÃO NO MÊS FECHADO**

Os preços do IPCA-15 foram coletados até 13 de julho. Para o IPCA fechado do mês, economistas esperam deflação em razão da redução do ICMS sobre bens essenciais, quando o efeito será captado integralmente. O resultado será divulgado pelo IBGE no dia 9 de agosto.

Eduardo Vilarim, economista do banco Original, projeta IPCA de -0,6% em julho e -0,1% em agosto, puxado pela continuidade do impacto da redução do ICMS sobre combustíveis e energia e o início deste efeito deflacionário sobre o setor de telecomunicações.

Apesar de esperar deflação nos próximos meses, Vilarim diz que há pressões vindas dos serviços, além do aumento do valor do Auxílio Brasil, o que contribui para aumentar a demanda às vésperas das eleições. Outro ponto de atenção é o câmbio, que pode limitar uma queda maior nos preços:

— Sabemos que em anos eleitorais o dólar passa por variações gritantes. Grande parte dos nossos produtos vem da importação. Fora o risco fiscal que acaba refletindo no câmbio.

Analistas projetam que a inflação fique acima da meta pelo segundo ano seguido. O centro da meta de 2022 é de 3,5% e o teto é de 5%. As estimativas dos analistas do mercado financeiro, porém, melhoraram nesta última semana. Segundo as expectativas do Boletim Focus, do Banco Central, o IPCA deve terminar o ano em 7,30%. Mas, em 2023, a projeção subiu pela 16ª semana seguida: economistas preveem IPCA de 5,30% contra projeção de 4,91% há um mês.

